

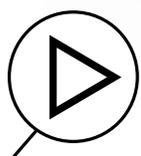
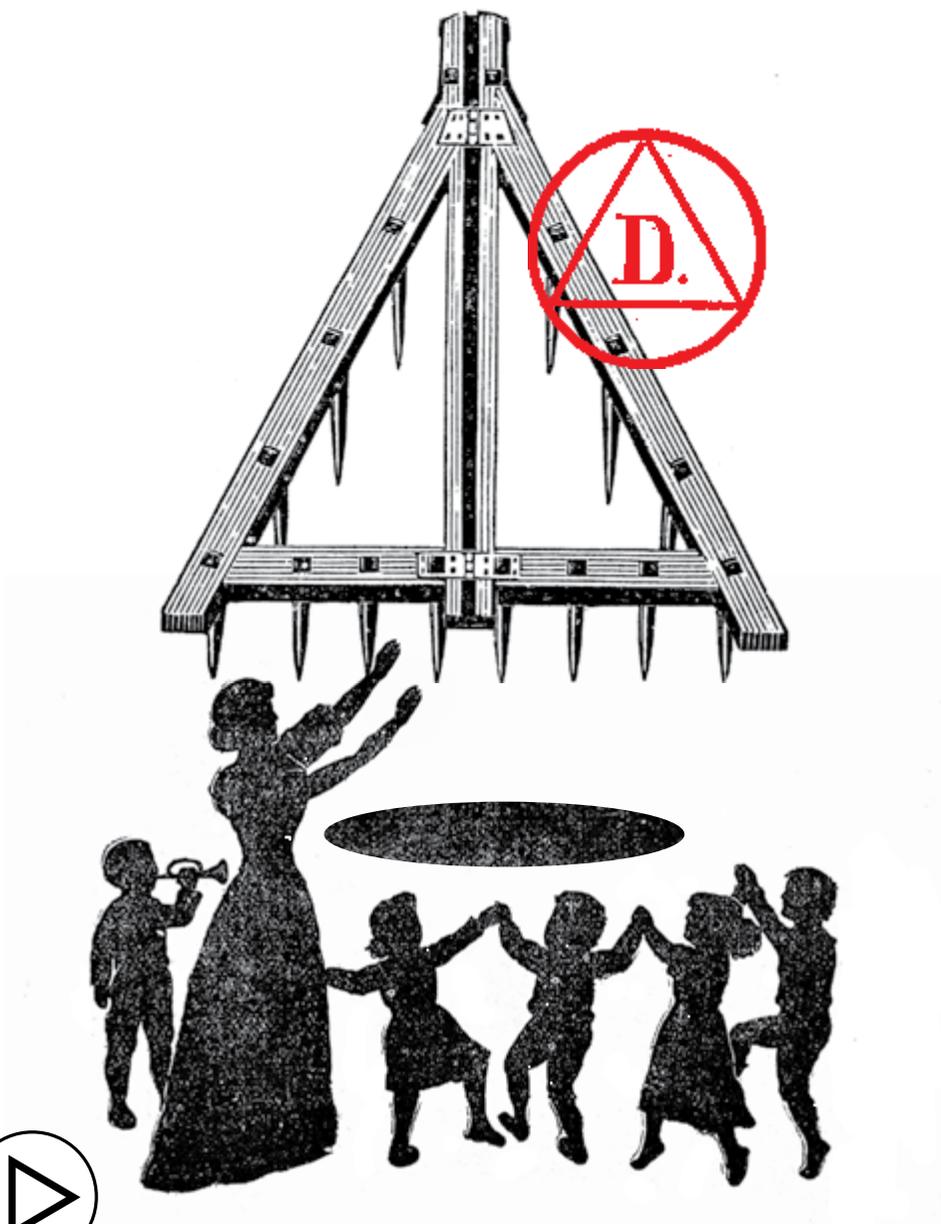
PRETÉRITO PERFEITO



CESAR BRAVO

DARKSIDE





Please follow these instructions.

Eles nos chamam de criança problemática, gastamos nossas vidas em julgamento
Nós caminhamos uma milha infinita, somos a juventude selvagem
Nós nos erguemos e não vamos cair, somos um e um por todos
A escrita está na parede, somos a juventude selvagem

SKID ROW



PRETERITO

PERFEITO

They call us problem child, we spend our lives
on trial // We walk an endless mile, we are the
youth gone wild /... We stand and we won't fall,
we're one and one for all // The writing's on
the wall, we are the youth gone wild

— SKID ROW

Em Três Rios a vida mudava em um piscar de olhos, em uma rajada de vento, na metade de uma respiração. Assim como acontece em muitas famílias, os Fleury discordavam em quase tudo, mas sabiam que, com a quantidade certa de tempo, o passado podia se tornar bem mais agradável que o presente. Naquele dezembro de noventa e sete não foi diferente, e todos pensavam no ano anterior enquanto as portas começavam a ser trancadas por toda a cidade.

Com o silêncio da cozinha quebrado apenas pelo vai e vem de Silvia indo da geladeira até o fogão, Eriberto, o provedor da casa, aproveitava para ler o jornal. Da sala, algum ruído que mostrava que ainda havia vida nos outros cômodos. Não a vida leve e despreocupada que movimentou o ano anterior, mas ainda assim, a vida.

— Credo em cruz, isso nem parece Natal... — a dona do lar disse e enfiou o chester no forno. Apesar dos pedidos de Eriberto, na mesa já havia comida suficiente para alimentar trinta e cinco famílias. Salada de maionese, farofa, pernil, um galeto que ainda iria ao forno, bacalhau, um exagero do questionável arroz com uva passa que por absoluto desespero por prosperidade se tornou tradição no natal, e o panetone.

O homem cedeu mais um suspiro e virou a folha do jornal.

— Tem que ter paciência, isso vai acabar logo. Meu amigo na polícia falou que já estão na cola do assassino.

— Por acaso seu amigo na polícia é o Cadu Morassai? Porque se for aquele cara, eu duvido muito que ele encontre a própria sombra.

— O delegado pensa diferente. E o Morassai não tá sozinho nessa.

— Ah, não, claro que não. Ele colocou aquele turco pra se perder junto com o japonês.

— Notícias voam, não é mesmo? — Eriberto comentou com certo aze-dume (a última novidade que ele conseguiu dividir com a esposa foi um risco no Gol).

— Nossa casa não é o centro do universo, Eri. Quem me contou foi a Shirley lá do salão. Eu liguei pra ver se ela tinha uma hora, minhas raízes estão ficando brancas.

— Pelo jeito não conseguiu marcar.

Silvia mudou a repartição do cabelo e desviou a expressão de uva passa para o outro lado. Alguns homens definitivamente merecem a benção da cornitude.

— Ela só vai abrir na semana que vem, tem muita gente que ainda não está saindo de casa.

— Shirley Gonzaga. Outra cidadã que vai precisar de dois caixões quando morrer, o maior só pra língua.

Silvia enxugou as mãos no avental e puxou uma cadeira. Sentou-se ao lado de Eriberto, em frente à guarnição de comida.

— Eu não aguento mais essa situação. Dois meses, Eri. Dois meses segurando a segunda adolescência do meu pai e inventando desculpas para manter os meninos em casa.

— O problema não são os garotos. Por que tá trancando nossos filhos em casa?

— Meu pai se sente um idiota quando vê os dois saindo e não pode fazer o mesmo.

Eriberto manteve o silêncio. Uma medição precisa em seus lábios denunciaria o nascimento de um sorriso, Gervásio se sentindo um idiota era uma coisa boa, claro que era.

— Seu pai é casca-grossa. Ele vai ficar bem. Me preocupo mais com você. De onde vem todo esse nervosismo? É só por causa do seu Gervásio ou tem mais coisa?

Silvia esfregou os braços.

Algumas vezes, o mundo tenta contar seus segredos. Não nos nossos ouvidos, não pelos olhos, mas ele consegue falar por nossa pele. A sensação durou um ou dois segundos, e, nesse curto intervalo de tempo, o arrepio que varreu Silvia foi tão forte que os olhos lacrimejaram. Sem conseguir se controlar, ela esticou o braço e apanhou a mão direita do marido.

— Caramba, Silvia, que mão fria é essa? Caiu a pressão?

— Sabe quando parece que alguma coisa muito ruim passou perto da gente?

Eriberto a encarou e não conseguiu desviar os olhos. Tinha alguma coisa nadando naquele rosto, um vazio abissal, uma catástrofe anunciada.

— Vamos parar de falar besteira, tá certo? Eu vou abrir uma cervejinha pra gente e vamos fazer a festa. Não é tão ruim quanto parece, coração. Nós estamos com saúde, os meninos estão bem, o seu Gervásio ainda não brigou comigo essa noite. Pensando bem, acho que esse Natal vai ser tão bom que nós nunca mais vamos esquecer dele.

Silvia voltou a esfregar os braços. Pelo que conhecia da vida em Três Rios, algumas vezes o esquecimento podia ser uma benção.

Na sala, Renata insistia na boa e (não tão) velha MTV, enquanto seu irmão, Claudinho, mantinha os olhos fechados e subia o volume de seu Discman. Olhando para aqueles dois, tudo o que vovô Gervásio conseguia pensar era que havia alguma coisa errada com seus espermatozoides. Será que ele também era estranho como aqueles girinos? Na idade deles, será que também tratava os velhos como os pombos tratam as estátuas?

Entediado, e igualmente ansioso, Gervásio consultou o relógio pela décima segunda vez.

Seu novo amor tinha aparecido em sua vida há pouco, e desde então toda a atenção do vovô estava dedicada a ela. O plano inicial era passar aquela noite especial com Ecomênica, o primeiro Natal juntos e a sós, mas então dois velhos da cidade acabaram sendo mortos.

Gervásio consultou o relógio mais uma vez.

— Olhar pro relógio não faz ele andar mais depressa, vô — Renata disse. O velho suspirou e limpou o catarro da garganta.

— No meu tempo alguém da sua idade precisava pedir permissão pra falar. E que porcaria de programa é esse, minha filha? Isso são homens?

— Não, vô.

O velho esticou o beijo, sem entender muito bem se a resposta era uma afronta. Fez aquela pergunta por fazer, para provocar, mas até então pensava que os cabeludos na tela eram rapazes.

— Eles não são homens, são deuses. Mas pode chamar de Skid Row, vovô.

Claudinho, que estava no intervalo silencioso entre uma música e outra, sorriu. Nem que seu avô praticasse um mês inteiro conseguiria dizer Skid Row. Vô Gervásio não conseguia nem dizer o nome de seu primo Glauber, que sempre era chamado de Graube ou Graubs.

— Eu não sei que acontece com a juventude. Parece que toda nova geração tem o objetivo sagrado de desmoralizar o que foi construído pelos mais velhos. Até aqueles rapazes, os Bitus, eles tinham aqueles cabelos de tigela que parecia um capacete, mas as músicas eram boas. Já essa gritaria aí? Pelo amor de Deus, minha filha. Uma galinha com o pescoço torcido cantaria melhor.

Claudinho voltou a rir.

— E você, rapazinho? O que está ouvindo?

— É rádio. — Claudinho permaneceu seguro.

Skid Row saiu da tela e em seu lugar entrou outro bando de cabeludos. O rapaz que cantava era outro tipo que Gervásio confundiria com uma moça. Para piorar tudo, o menino de cabelo vermelho usava uma bermuda branca que marcava suas bolas e a trave do gol. Já o rapaz da guitarra usava calça, mas estava perdido nos próprios cabelos. Pelo jeito que o sujeito andava no palco, devia estar bêbado. E ele também usava uma cartola, o que não fazia nenhum sentido. Ele era o quê? A droga de um mágico?

A campanha tocou e Gervásio quase cuspiu a dentadura. Ele já tinha dito que odiava aquela porcaria de cigarra, e tudo o que Eriberto fez foi trocar por um modelo novo, mais fino e irritante do mesmo jeito.

— Deixa que eu vejo — ele se levantou. Renata aproveitou para aumentar o som. Claudinho fez o mesmo com seu Discman.

Antes de chegar à porta, Gervásio checou o próprio hálito. Ecomênica tinha dito que não viria, por conta do que aconteceu com aquele dois idosos, mas Gervásio ainda apostava em um milagre natalino. Apostava tanto, que chegou inclusive a negociar com Jesus Cristo em pensamento e prometeu dar dez paus para a caixinha da igreja. Depois se arrependeu, consciente de que dez paus não pagava uma marmita.

— Faaaala, seu Géva! Como é que tá?

— Humm... é você, filho...

Sim era ele, o Fiapo. Mais um cabeludo (e bem mais feio que os que se exibiam de colante na tv) que caiu nas graças de sua neta.

— A Rê tá aí, vô?

— Não sou seu avô. E você não tem família, meu filho? Eu entendo que você e a Renatinha se gostem, mas é Natal. Seu pai e sua mãe não vão ficar chateados?

— Eles são modernos. Lá em casa a gente nem acredita em Deus.

— Misericórdia — o velho se benzeu e desocupou a entrada.

Sem muita cerimônia, Fiapo foi na direção do Guns N' Roses, enquanto vovô esticava a vista pela rua, em busca de seu grande amor. Do outro lado do asfalto não havia Ecomênica, mas a segunda filha de Gervásio e o marido. Salomão tinha perdido o emprego outra vez, e aquele já era o terceiro em menos de um ano. O menino dos dois veio chegando depois, e enquanto corria para alcançar os pais caiu no meio do asfalto. “Graube” rolou e começou a chorar como uma sirene, o pai deu um cascudo nele e a mãe se lamentou: — Vocês só me fazem passar vergonha.

— Meu Deus, tenha piedade — o velho Gervásio disse e forçou um sorriso a eles.

Depois da família se acomodar na casa e Silvia colocar um disco terrível de canções natalinas, o trabalho continuou na cozinha. Agora, Silvia estava tentando acomodar uma dúzia da pior cerveja da cidade na geladeira, uma doação de seu maravilhoso cunhado chamado Salomão (conhecido internamente como Salamão). Silvana, esposa do Salamão, fez questão de explicar que aquela era a única cerveja à venda, mas todos sabiam que nada passava tão longe da verdade. Pelo menos ela trouxe pudim de baunilha com cobertura de suspiro que todo mundo gostava, então estava mais que perdoada.

Silvana também atracou na pia, ao lado da irmã, ajudando com a salada de maionese e tomando uma cerveja que não causaria diarreia. Como não podia deixar de acontecer, o assunto logo chegou aos acontecimentos recentes que movimentavam a cidade.

— Ontem sumiu mais um. Pai do Pedrinho Arruda — Silvana disse a certa altura.

Silvia olhou para a porta da cozinha. — O Pedrinho que eu namorei? — perguntou, baixinho.

— O próprio. Seu Cleber saiu pra fazer o jogo do bicho e não voltou.

— Coitado do Pedrinho. Como se já não fosse tragédia suficiente ter casado com aquela lambisgóia da mulher dele. E ela? Tem visto?

— Tá gorda — Silvana disse, com maldade, e caiu na risada.

— Me dá um gole dessa cerveja, vai — Silvia pediu. Foi um bom gole, generoso o bastante para que ela retomasse o assunto principal. — Essa história de matar velhos... — continuou —, lembra quando a gente era criança? Não é primeira vez que acontece. Você tinha dez anos, foi na semana do seu aniversário.

— Claro que eu lembro. Não teve festa aquele ano porque a mamãe começou a ficar doente.

— E você lembra do que a gente falava? Do...

— Lembro sim — Silvana disse. — Credo, não quero nem dizer o nome. A mamãe sempre contava essa história. Eu achava que era só pra gente obedecer e não ir muito longe de casa, mas sei lá... No fundo...

— A gente achava que era verdade. E se for mesmo? Se existir um bicho por aí matando pessoas?

— Então ele deve ser bem velho.

— E talvez não possa morrer. Nunca.

Dessa vez foi Silvana quem deu um bom gole. — Se eu tiver que ficar trancada em casa com o Salomão e o Glauber, prefiro que ele que me pegue amanhã mesmo.

Fiapo chegou e foi logo amassando Renata. Incomodado com toda aquela pornografia labial, Gervásio saiu da sala e foi até os genros na varanda, tomar um ar e fingir que se interessava pelos assuntos deles. Claudinho ficou no canto do sofá grande da sala, ouvindo seu Discman e folheando um gibi do *Conan*. Vira e mexe dava uma olhadinha para o lado, só pra ver se aqueles dois ainda estavam com roupas. Duas noites atrás, eles deitaram no chão para ver tv e se enrolaram com um cobertor. Claudinho queria esquecer, mas ele ainda lembrava dos suspiros da irmã. Aconteceu alguma coisa ali embaixo, Deus sabe que aconteceu.

Fazia algum tempo que o menino estava com os olhos fechados, e a música que tocava no Discman era tão lenta que ele sentia um nó na garganta. Chorar, não chorava. Nunca chorava em casa, porque Eriberto dizia que quem fazia isso não era homem. Claudinho não se importava com isso de ser homem, mariquinha ou bicho do mato, mas como chorar sempre fazia sua mãe ficar muito triste, ele se segurava. Abriu os olhos ao sentir um puxão nos fones.

— Dá um espaço aí, grande Déco. Diz aí, como vai a vida? — Fiapo foi se achegando e passou o braço por seus ombros. Claudinho se encolheu com o excesso de intimidade e procurou pela irmã. Ao que parecia, ela estava na cozinha, pedindo desesperadamente para que a mãe tirasse o Natal do aparelho de som.

— Vai indo — respondeu Claudinho.

Fiapo riu e prendeu os cabelos com uma gominha. Ficava um pouco melhor assim, embora ele continuasse a anos luz da beleza.

— Tô sabendo que a molecada ainda tá pegando no seu pé.

Claudinho deu de ombros.

— Fica esperto com o meu irmão. O Paulinho é gente boa, mas ele também é um filho da puta. Se o tampinha pegar pesado contigo, é só me contar. A gente agora também é família. Tipo cunhado.

— Minha irmã pediu pra você falar comigo? Ou foi a minha mãe?

— Ooooô, carinha, se liga. Eu não sou moleque de recado, não. Tô falando com você porque eu te considero. E eu também já fui moleque.

— Eles batiam em você? Quando você tinha o meu tamanho?

Fiapo pensou um pouco. — Bom, acho que no caso eu batia neles, mas eu sei como é.

— Foi o Paulinho, tá na cara que foi. O que ele contou?

— Que tem uma turma te provocando. Pondo apelidos, tirando sarro, pegando pesado. Eu já saquei que você é diferente, Claudinho, eu não ligo pra isso, tá certo?

— Eu não sou diferente.

— Ah não? O que é isso aí na sua cara? Porque pra mim parece pó de arroz da sua irmã. Tem bem pouco, mas dá pra ver que tá branco demais.

— Não é da sua conta.

— Não, não é mesmo. Então foda-se — Fiapo disse.

Claudinho recolocou os fones.

Mas não ficou muito tempo com eles, retirando quase em seguida.

— É que eu tenho um monte de sarda. Os meninos ficam me chamando de Gato Guerreiro, miando pra mim, é um inferno. Daí eu pensei que se eu passasse um pouquinho de pó, eles iam me deixar em paz.

— Não, velhinho, não é assim que acontece.

Fiapo olhou para as duas aberturas do cômodo, e quando se certificou de estarem sozinhos disse: — Prestenção, eu vou falar uma vez só, e você nunca pode contar essa conversa pra ninguém. Principalmente pra sua irmã.

— Tá bom.

Fiapo estendeu o dedo mindinho. — Vai tá *bom* assim que a gente selar o pacto.

Claudinho também estendeu o dele e os mindinhos se fecharam. Fiapo parecia apertar mais do que devia, e quando a dor se tornou insuportável, ele finalmente soltou.

— Você é teimoso — Fiapo disse —, isso é bom.

— Meu pai acha que não.

— Pois é... esse é um bom começo.

— Meu pai?

— Os pais, figura. *Os pais* que não sabem de nada. O pai e a mãe da gente só sabem sentir medo e jogar na retranca, essa é que é a bosta. Acho que eles começam a ter medo assim que a nossa mãe fica grávida, e só perdem o medo quando morrem. Ou quando a gente morre, sei lá... O grande lance, meu amigo, é não deixar que o medo deles tome conta da sua vida. Se isso acontecer, se você obedecer cegamente a seus pais, a molecada vai pra cima igual urubu na carniça. Eu não tô falando pra você sair por aí fazendo merda ou aceitar carona de estranho, eu tô dizendo pra ser você mesmo. E se o zé povinho da escola não gostar, eles que se fodam.

— E se ser eu mesmo deixar todo mundo nervoso? Ou com raiva?

Foi o sorriso mais belo que Claudinho viu nascer no rosto magro de Fiapo.

— Aí significa que você tomou o caminho da salvação.

Com o mesmo sorriso, Fiapo se abaixou ao lado do sofá e apanhou uma mochila que chegou com ele. Botou no colo, abriu, tirou uma caixa quadrada de dentro dele.

— Você deve saber que eu ganho a vida com discos, eu trouxe esses aqui pra gente ouvir — abriu a caixa e começou a separar alguns vinis, apoiando em seu colo. Fazia aquilo tão depressa que Claudinho mal via os títulos, mas ele viu um que dizia AC/DC e tinha um homem com capacete de Diabo.

— Tá vendo esse cara aqui? — apanhou um outro, do Nirvana. — Infelizmente ele morreu, mas esse carinha era a coisa mais diferente que já apareceu no mundo. — Esse outro — um do Ozzy, *Bark at the Moon* —, é o sujeito mais louco que já nasceu. Uma vez ele mordeu um morcego e mijou no Álamo. — Esse outro aqui é o Freddy, Freddy Mercury, tocava na banda Queen. Esses de jaqueta são os Ramones. Tudo gente de rua, punks.

— Caramba, isso é muito legal — Claudinho se interessou por um do Kiss, *Creatures of the Night*.

— Claro que é. E se você gostou desse, precisa ver... esse aqui — Fiapo tirou mais um da mochila.

Claudinho apanhou o disco e imediatamente sua boca desceu cinco centímetros.

Eram quatro cabeças cortadas, colocadas em bandejas. Estavam maquiadas, servidas em uma mesa com outras comidas, como se estivessem esperando para serem devoradas.

— Secos & Molhados — Claudinho leu.

— Isso aí. Secos & Molhados. E o nome que você precisa guardar é esse cara aqui, o de bandana. Ney Matogrosso.

— Ney Matogrosso — Claudinho repetiu e passou os dedos sobre a capa.

— Isso aí. Ney é um monstro no palco, se quiser eu consigo umas fitas de vídeo lá da FireStar, coisa fina.

Fiapo se calou e deixou Claudinho visitando os vinis, se lembrando de quando ele mesmo botou os olhos pela primeira vez em cada um deles. Sentiu-se um pouco velho. Talvez esse fosse o preço a pagar pela experiência. O menino continuava no Secos & Molhados, os dedos sobre a capa, como se tentasse ouvir com as digitais o que aqueles rostos mortificados queriam dizer.

— O lance, camaradinha, é que esses caras não ouviram os babacas. Todos eles apanharam na escola, ou apanharam dos pais, ou apanharam da vida. Mas eles ficaram de pé, sacou?

— Como o filme do Rocky?

— Isso aí, Déco, quem nem no filme do Rocky. E quando os pivetes da escola ou qualquer coisa pessoa vier pra cima, você vai pro canto e aguenta as pancadas. Eles vão cansar de bater, se você não cair. Seja você mesmo, moleque. Aprenda a bater de volta. Sem medo, sem limite. Com o tempo, os babacas aprendem quem você é de verdade, e você vai estar tão longe, tão alto, que nem voando eles vão te alcançar.

Claudinho continuou hipnotizado pela capa, pensando em quem ele era de verdade.

Talvez aqueles discos fossem a resposta para todas as suas perguntas.

Perto da meia-noite, os homens estavam bem próximos de bêbados, e as mulheres, exaustas com a correria da cozinha. Renata também estava cansada, mas por outro motivo — uma escapadela com Fiapo até seu quarto. No aparelho de som, apesar dos pedidos insistentes de Renata, Simone gritava “Então é Natal” e perguntava o que todo mundo tinha feito.

Também havia mais gente na casa, o irmão de Eriberto, Dagoberto, tinha chegado há pouco. Ele seria igualzinho o irmão se não tivesse quase dez centímetros a menos. Dagoberto era cinco anos mais novo e tinha se dado bem na vida, investindo em ações de uma nova empresa de aparelhos celulares. Ninguém sabia ao certo qual era a empresa ou tinha visto um dos aparelhos, mas o boato dizia que depois que eles aparecessem, a Apple ficaria parecendo uma lavanderia.

Glauber e Claudinho estavam na sala, sozinhos, enquanto a tv permanecia travada no show do homem de azul. Os meninos não tinham autorização para mudar o canal, mas colocaram o volume no zero sem que ninguém percebesse (não poderiam escapar do aparelho de som da sala de estar, mas pelo menos estava longe). Os meninos jogavam damas, estirados no tapete como dois lagartos.

— Por que todo mundo precisa ficar junto no natal? — Glauber perguntou.
— Deve ser por causa de Jesus. Porque ele nasceu nesse dia e depois morreu por culpa da gente.

— Eu não matei Jesus.

— Mas nossos tatatatataravós devem ter matado.

Ficaram calados mais um pouco, e Glauber comeu duas pedras de Claudinho. Ele podia ser dois anos mais novo e meio mimado, só que no jogo de damas era tão frio quanto o Michael Schumacher.

— O vô tá carrancudo — Glauber disse, lembrando do velho que parecia uma samambaia plantada na varanda há meia hora. — Ele nem falou comigo.

— Ele tá bravo porque a mãe e o pai trancaram ele em casa. Por causa do matador.

— Meu pai falou que quem tá fazendo isso é o bicho. Aquele que mora lá perto da Igrejinha da Saudade. Ele falou que o bicho é meio lagarto, meio lobo e meio peixe, e que ele sempre matou gente aqui na cidade. Daí como você falou agora do Jesus, eu acho que ele pode tá matando por isso, pra vingar o Jesus.

— Eu nunca ouvi tanta bosta na vida, Glauber.

— Ah é? Se é tanta bosta assim, por que toda criança daqui já ouviu falar do bicho?

— Sei lá... deve ser pra pôr medo na gente.

— Crianças, tá na hora! Já é quase meia-noite — Silvana gritou da cozinha.

O jogo de damas parou ali mesmo. Nada era perfeito no dia vinte e quatro, mas se existia uma coisa boa em terem crucificado aquele homem, era a ceia de Natal.

Glauber chegou perto da mesa e imediatamente soltou:

— Nossa! Chamaram o Tiro de Guerra pra comer com a gente?

Resoluta, Silvana presenteou o menino com um peteleco na nuca. Com a mesma gentileza, vovô completou:

— Cala a boca, Graube.

No canto da mesa de cerejeira da copa, Salomão, mais bêbado que Judas no dia da morte, batucava em uma caixa de fósforos e entoava “Bandeiraaaaa brannnncaaaaa”. O velho Gervásio sacudia a cabeça, se perguntando novamente sobre a saúde de seus espermatozoides. Ou ele tinha errado tanto assim na educação das suas filhas? Eriberto era um pobretão cheio de nove horas, Salomão era pior que isso, e às vezes nem parecia ter os onze em campo. Além disso, o infeliz não sabia beber. No ano anterior foi a mesma coisa. As meninas ficaram horas na frente do fogão e ele mal engoliu a comida e se atirou no sofá, como se todo aquele banquete tivesse sido oferecido em sua homenagem.

Bom mesmo era o tal Dagoberto. Era baixinho como uma sola de sapato, só que ele sabia mexer com dinheiro. Tinha um carrão, uma mulher que parecia uma daquelas mocinhas da aeróbica do Faustão, e ele não tinha feito nenhum filho! E isso era sinal de inteligência.

— Pensando na vida, papai? — Silvinha perguntou, notando a introspecção do pai.

— Ou é na namorada? — Fiapo disse e riu. Ele também não era muito bom com bebidas. Renata o acertou com o cotovelo. Fiapo riu mais ainda, e Eriberto começou a rir junto.

— Falando em namorada, é melhor tomar cuidado pra não embuchar a minha neta.

— Pai! — Silvia disse.

— Vocês ficam me tratando como se eu fosse um inválido. Eu não posso sair, não posso me divertir, vocês me fizeram até parar de fumar! Às vezes, eu penso que seria melhor ser comida vivo por aquela coisa que mora perto do rio.

As crianças ainda estavam à mesa. E os dois meninos arregalaram os olhos ao mesmo tempo. Percebendo o impacto, Gervásio continuou:

— Todo mundo pensa que só os velhos vão morrer, mas não é verdade. O velho pode ser o prato principal, mas o bicho também gosta de um aperitivo. E ele usa os ossinhos das crianças para palitar os dentes, vocês sabiam?

— Já chega! — Eriberto se exasperou e deu um soco na mesa.

Simone engrossou a voz no aparelho de toca discos: “E o que vocêêêê fezzzzzz...?”.

E todas as luzes se apagaram.

— Puta que pariu! — Fiapo disse, já se levantando. Salomão tentou acender um fósforo e se atrapalhou com a caixinha, derrubando tudo na mesa. Silvia teve mais sorte e conseguiu uma vela na primeira gaveta da cozinha.

Os dois meninos gritavam, e Renata tentava fazer com que parassem, gritando ainda mais.

— Calma, minha gente! É só o matador de velho! — Salomão riu.

— Não brinca com isso, homem! — Silvana disse.

— Eu tô com medo! — Claudinho disse.

— Pronto, vai começá a viadeza — Eriberto deixou escapar, impaciente.

— Não tem matador nenhum — Gervásio disse —, é só uma queda de energia. Eu não queria assustar vocês dois, tá certo? O vovô ama vocês.

Parecia arrependido de verdade. Ou talvez fosse a tranquilidade de ter deixado todo mundo tão nervoso quanto ele.

— Escuta, tem alguma coisa lá fora — Dagoberto disse.

— Corre e fecha a porta da frente — Eriberto pediu à Silvinha.

Ela fez isso, e ele cuidou de trancar a porta da cozinha. Eriberto não sabia o que tinha do lado de fora, mas as galinhas da casa do vizinho gritavam como se estivessem sendo açoitadas. Cachorros uivavam, e não era um uivo qualquer, era quase um pedido de ajuda.

Salomão foi até a janela da sala, deu uma espiada e gritou de volta:

— Pegou o bairro todo, não dá pra enxergar nada.

— Jesus amado — Silvia disse —, tende piedade de nós.

— Piedade nessa cidade é nome de bandido, Silvinha. Pede outra coisa.

— Velho Gervásio se levantou. Antes que o impedissem, caminhou depressa até a porta, e quando tocou na fechadura, sentiu que alguém segurava sua mão esquerda.

Olhou para baixo.

— Eu só quero provar que não é nada. Galinha é bicho à toa, fio. São cagona por natureza — disse a Claudinho.

— Não, vô! Eu não quero que você vá.

— Me larga, Craudinho. Eu não quebro que nem porcelana.

— Deixa teu avô em paz, Claudinho. Se ele quer sair e levar uma facada desse maníaco, que seja feita a vontade dele — Eriberto disse.

— Não! — Claudinho Gritou. — Não, não, nãããããooooooooo! A gente precisa ficar aqui e precisa ficar junto. Porque é natal e porque a gente é família. E família fica junto. Eu também queria tá com os meus amigos, tá bom? E eles não tão nem aí pra mim! Vocês não tão nem aí pra mim. Ninguém tá nem aí pra mim! Então, se eu posso ficar com um monte de gente que finge que eu não existo, vocês podem fazer a mesma coisa.

— Ei, pega leve, Déco — Fiapo disse e chegou mais perto, trazendo alguma luz com um isqueiro.

Na penumbra daquela noite, todos viram o rosto escorrido de Claudinho. Viram a tempestade furiosa que havia por baixo de toda aquela superfície plácida. Ele esfregou a pele com alguma raiva, até tirar todo o pó de arroz que restava. Depois fungou o nariz e limpou com o antebraço.

— Meu filho, a gente ama você — Silvia disse.

Gervásio se afastou da porta e suspirou, balançando a cabeça, contrariado e arrependido.

— O menino tá certo — Dagoberto disse. Sua esposa bonita ainda estava na mesa, pregada na cadeira de tanto medo.

Lá fora, o ruído começava a se acalmar, mas alguns animais ainda gritavam na calada da noite. Gatos, galinhas e cachorros. O vento havia mudado de direção e assoviava dentro da casa. Trazia um cheiro ferruginoso junto com ele.

— E o que a gente faz? — Silvana perguntou. — Liga pra polícia?

— É Natal, se a gente ligar agora só vão mandar uma viatura no ano novo — Eriberto disse.

Dagoberto saiu de onde estava e chegou mais perto da porta. Se certificou que estava trancada, trancou também o pega-ladrão e retirou a chave, entregando-a ao irmão.

— A gente fica aqui e come toda essa comida boa. Quando estiver seguro lá fora, a gente sai de novo.

— Ficar aqui? Todo mundo trancado? — Glauber perguntou.

Fiapo riu e abraçou a namorada e seu irmãozinho.

— Ficar aqui. Todo mundo vivo.

CESAR BRAVO



*"O mundo é cego, e tu
vens exatamente dele."*

DANTE ALIGHIERI

DARKSIDEBOOKS.COM